

**“Casa das sete mulheres”:** sobre o apagamento de fronteiras geracionais na família

**“House of the Seven Women”:** about the Fading of Generational Boundaries in the Family<sup>1</sup>

**Andrea Seixas Magalhães**

**Terezinha Féres-Carneiro**

**(PUC-Rio)**

### **Resumo**

Na base da constituição do “corpo familiar” encontra-se o passado geracional transmitido e apropriado por sucessivas gerações. O psiquismo familiar, assim como o psiquismo individual, necessita se inscrever em um corpo que pode ser pensado como um habitat familiar, representado tipicamente pela casa/lar da família. A casa opera como continente para os conteúdos intersubjetivos da trama familiar, no qual são depositadas memórias, afetos e ideais familiares. O sentimento de pertencimento é construído pelo vivenciado, pelo compartilhado e pelo narrado no grupo familiar. Nesse ambiente-casa, as fronteiras geracionais podem ser entendidas como paredes da transmissão, viabilizando a sustentação psíquica do “corpo familiar”, operando como filtro simbólico, e assim viabilizando os processos de individuação dos membros da família. Neste trabalho, discute-se um caso de psicoterapia familiar, no qual foram atendidas sete mulheres membros de quatro gerações coabitantes. A família das sete mulheres sofre o apagamento das fronteiras geracionais, evidenciado na difícil convivência em uma casa marcada por memórias traumáticas não elaboradas. O caso relatado foi atendido pela equipe de psicoterapia familiar do Serviço de Psicologia Aplicada da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

---

<sup>1</sup> Versão traduzida pelas autoras do texto original publicado em língua inglesa. Magalhães, A.S. & Féres-Carneiro (2015). The house of seven women: the fading of generational boundaries in the Family. *Couple and Family Psychoanalysis*, 5, 89-97.

**Palavras-chave:** corpo familiar; habitat familiar; psicoterapia familiar; transmissão geracional.

### **Abstract**

At the base of the constitution of the “family body” we find the generational past, transmitted and appropriated by successive generations. The family psyche, similarly to the individual psyche, needs to be embedded in a body, which can be thought of as a family habitat, topically represented by the family’s house or home. The house operates as a container for intersubjective contents of the family structure, in which family memories, affects and ideals are deposited. The sense of belonging is constructed through what is lived, shared and narrated within the family group. In this home environment, generational boundaries can be understood as walls of transmission, allowing the psychic support of the “family body”, operating as a symbolic filter, and therefore enabling the individuation processes of family members. In this study we discuss a family psychotherapy case, in which seven women – members of four cohabitant generations – were treated. The “house of the seven women” suffers from the fading of generational boundaries, evidenced by the difficult coexistence in a home marked by non-elaborated traumatic memories. The case mentioned here was treated by the family psychotherapy unit of the Service of Applied Psychology (SPA) of the Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro.

**Keywords:** family body; family habitat; family psychotherapy; generational transmission.

Neste trabalho, são discutidos os conceitos de “corpo familiar” e de “transmissão psíquica geracional”, buscando-se articular esses constructos e o trabalho na clínica com famílias, ilustrando a discussão com fragmentos de um caso de psicoterapia familiar. Ressalta-se que na base da constituição do “corpo familiar” encontra-se o passado geracional transmitido e apropriado por sucessivas gerações. Esse corpo coletivo opera simbolicamente como um continente para o psiquismo familiar. Assim como o psiquismo individual, o psiquismo familiar necessita se inscrever em um corpo que pode ser pensado como um habitat familiar (Eiguer, 1983), representado topicamente pela casa/lar da família. O espaço habitado, a casa, é um representante desse continente psíquico, contendo a afetividade e a memória familiar, revelada por meio de traços marcados nos objetos, nos móveis e mesmo nas paredes (Eiguer, 2004; Tisseron, 1999).

A casa opera como continente para os conteúdos intersubjetivos da trama familiar, no qual são depositadas memórias, afetos e ideais familiares. A função continente está na base dos vínculos familiares. Segundo Bion (1965), quando os vínculos são baseados na identificação projetiva expulsiva, sem capacidade de elaboração, observa-se a falha na função de continente do “eu”. A função continente está relacionada com a capacidade de aceitação de elementos intoleráveis e sua metabolização.

O sentimento de pertencimento é construído pelo vivenciado, pelo compartilhado e pelo narrado no grupo familiar. Nesse ambiente-casa, as fronteiras geracionais podem ser entendidas como paredes da transmissão, viabilizando a sustentação psíquica do “corpo familiar”, operando como filtro simbólico, e assim viabilizando os processos de individuação dos membros da família.

Considera-se a intersubjetividade como base tanto para a constituição do psiquismo individual quanto para o psiquismo familiar; esses aparelhos mantêm uma

reciprocidade necessária. O conceito de intersubjetividade lança um olhar sobre o relacional e sobre as interações entre sujeitos que comunicam sentimentos e pensamentos, mas diz respeito sobretudo ao material partilhado pelos sujeitos ligados entre si por mecanismos inconscientes como recalques, fantasias, significantes, desejos e proibições fundamentais, estruturantes (Kaës, 2007). Ou seja, segundo essa concepção, destaca-se a articulação entre elementos psíquicos parcialmente heterogêneos e independentes, visto que há uma reciprocidade inerente aos vínculos, que R. Kaës chama de “lógica das correlações das subjetividades”.

Ao pressupor-se um psiquismo compartilhado, constituído na intersubjetividade, ressalta-se também a noção de espaço intermediário postulada na teoria winnicottiana. De acordo com D. Winnicott, a subjetividade emerge da relação do bebê com um outro. Kaës (1993) expande essa ideia, afirmando que o sujeito se manifesta e existe na relação com mais que um outro, ou seja, na intersubjetividade, que é o espaço próprio dos vínculos. Segundo esse ponto de vista, o sujeito não existe fora dos vínculos.

A família, nesse sentido, constitui-se como contexto vincular extremamente complexo. Nela, o sujeito emerge a partir dos múltiplos investimentos narcísicos e libidinais, que são permeados pela transmissão psíquica geracional. Em trabalhos anteriores (Magalhães e Féres-Carneiro, 2004, 2007), destacamos o papel da família como intermediária no processo de transmissão, realçando as possibilidades de transformação inerentes ao ato de transmitir. Na clínica, contudo, defrontamo-nos frequentemente com a transmissão manifestada no sofrimento dos sujeitos aprisionados em sua incapacidade de metabolizar seus legados. A tarefa do psicoterapeuta de família é reconstituir o percurso simbólico da transmissão e favorecer a elaboração da herança. E é na possibilidade de transformação que investimos recursos terapêuticos, trabalhando para alterar o curso repetitivo do sintoma.

Kaës (1998) ressalta que a família apresenta um duplo eixo estruturante: o eixo horizontal, o qual oferece suporte ao sujeito por meio das identificações mútuas com seus semelhantes, e o eixo vertical, da filiação e das afiliações que inscrevem o sujeito na sucessão de movimentos de vida e de morte no percurso das gerações. A partir dessa visão, a terapia familiar psicanalítica tem como objetivo evidenciar a forma de pertencimento e de vinculação dos sujeitos no grupo familiar e os mecanismos de vinculação do grupo como um todo.

Coloca-se a centralidade do espaço intersubjetivo e mais especificamente do espaço e do tempo geracional. O sujeito não é autoengendrado e o trabalho psíquico de constituição da subjetividade implica a metabolização da herança no confronto com o outro que transmite. A realidade psíquica é produzida a partir do trabalho de perlaboração imposto pela transmissão. O sujeito se constitui oscilando entre momentos de autoprodução, ilusão individual, e momentos de engendramento recíproco, ilusão grupal.

A transmissão ocorre como um fluxo, a energia é livre em seu deslocamento, carreando as representações. Contudo, a temporalidade da transmissão não é sempre linear e pode ser conservada por meio de traços. O tempo da transmissão pode ser circular, falhado ou intermitente. Os traços podem reter a memória de um afeto ou de uma representação e podem ter destinos próprios no inconsciente, mantendo-se vivos e produtivos apesar de recalçados (Kaës, 1993).

A repetição, consciente ou inconsciente, de comportamentos, sintomas ou escolhas na família é uma manifestação do vínculo com as gerações anteriores e é central para a constituição subjetiva. Portanto, o legado familiar é elemento constitutivo da identidade individual (Gaulejac, 2009). E, quando os elementos transmitidos não são

suficientemente elaborados, podemos observar o apagamento das fronteiras geracionais e as falhas identitárias expressas nos sintomas de um ou mais membros da família.

### **Caso clínico: “Família das sete mulheres”**

Com a finalidade de ilustrar a discussão sobre as relações entre corpo familiar, fronteiras geracionais e transmissão psíquica familiar, apresentaremos o material clínico de um caso de psicoterapia familiar, no qual foram atendidas sete mulheres membros de quatro gerações coabitantes. A família das sete mulheres sofre com o apagamento das fronteiras geracionais, evidenciado por meio da difícil convivência em uma casa marcada por memórias traumáticas não elaboradas. O caso relatado foi atendido pela equipe de psicoterapia familiar do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Utilizamos nomes fictícios iniciados pela mesma letra (B), com o propósito de realçar a indiscriminação entre os membros da família.

A “família das sete mulheres” foi encaminhada para o setor de psicoterapia de família do SPA pela psicoterapeuta de Bianca, uma adolescente de 14 anos, que era atendida em uma Unidade de Saúde Pública, num Serviço de Psiquiatria, e fazia poucos progressos, sobretudo devido às interferências da família no seu tratamento. Na primeira entrevista, compareceram a avó (Berenice) e a adolescente. A avó relata que Bianca teve uma “crise fortíssima” havia dois anos, quando precisou de tratamento psicoterápico e psiquiátrico, tendo sido diagnosticada portadora de Transtorno Obsessivo Compulsivo. Dentre os comportamentos compulsivos destacados pela avó, Bianca “pedia para as pessoas repetirem várias vezes as mesmas frases, dava passos para frente e dois passos para trás, e interferia nas rotinas dos familiares em casa,

criando proibições, evitando tocar em certos móveis e entrar no quarto da irmã e da tia”. A menina controlava os familiares por meio de rituais domésticos. Embora a psicoterapeuta tenha ressaltado a importância do tratamento familiar, e do acompanhamento psiquiátrico na Unidade de Saúde Pública, a avó solicita atendimento individual para a menina, relatando dificuldades em trazer os outros familiares para psicoterapia.

Bianca relata que mora com a bisavó (Belinda, 85 anos, viúva), a avó (Berenice, 65 anos, separada), a mãe (Bruna, 42 anos), uma tia (Belisa, 28 anos), e duas irmãs (Beatriz, 12 anos; Bela, 2 anos). Ela dorme no quarto com a avó, sua mãe dorme com a irmãzinha Bela, sua tia Belisa dorme com sua irmã Beatriz, e a bisavó dorme sozinha. Ambas enfatizam que a relação de Bianca com sua mãe é muito difícil. “Ela é louca, irresponsável, escandalosa e tira as coisas da filha para dar para o namorado, além de ser agressiva, bagunceira e porca”, diz a avó. O pai de Bianca mora com a segunda esposa, próximo das duas filhas. Bela, a irmãzinha, é filha do atual namorado da mãe de Bianca, que eventualmente pernoita na casa, sendo sua presença indesejada por quase todas, exceto por Bruna.

Embora responsabilize o pai por ser muito ausente, Bianca diz que não o quer presente, demonstrando forte ambivalência quanto às figuras parentais. A avó relata que as netas chamam a mãe pelo próprio nome e que Bianca era muito “agarrada com ela” antes de sua mãe começar a namorar. Bianca conta sobre seu sentimento de indignação ao descobrir que sua mãe estava grávida da irmãzinha, por achar que o casal (sua mãe e o namorado) não teria “condições de cuidar de uma criança”. “Isso é um absurdo”. Queixa-se de que o namorado da mãe é um “irresponsável, viciado em drogas”.

Quando os psicoterapeutas solicitam que a mãe compareça às entrevistas, Bianca se recusa, enfatizando que isso seria impossível e que sua mãe viria apenas se

estivessem somente as duas, sem a presença da avó. Emergem, então, relatos de eventos traumáticos da adolescência de sua mãe. A avó conta que sua filha, Bruna, era uma menina sem problemas, mas que se tornou agressiva e rebelde aos 14 anos, quando seu marido (pai de Bruna / avô materno de Bianca) a deixou. Ele perdeu o emprego e partiu para o Nordeste, numa tentativa de se reerguer financeiramente. Um ano mais tarde, Bruna foi visitar o pai e descobriu que ele já havia constituído uma nova família.

Outro fato traumático ocorrido nessa mesma época foi um grave acidente de carro sofrido por Bruna, que ficou em coma durante muitos dias. Nesse período, seu pai esteve ausente. Somente após cinco anos distante da família, veio ao Rio para conversar com a ex-mulher sobre divórcio. Contudo, não visitou as filhas, que além das dificuldades financeiras graves vivenciadas após a falência financeira familiar, sofriam com o abandono emocional paterno. Face às dificuldades financeiras da família, permaneceram na casa dos pais de Berenice (bisavós de Bianca).

A adolescência de Bianca apresenta muitas ressonâncias com a de Bruna, que também fora uma menina extremamente ligada emocionalmente à sua mãe, chegando a defendê-la e a assumir uma postura de cobrança conjugal junto ao seu próprio pai. Bianca, por sua vez, também tem severas críticas à vida conjugal de sua mãe, assumindo uma postura desafiadora em relação ao seu namorado. De certo modo, Bianca repete a atitude hostil de sua mãe em relação aos homens considerados por ela incapazes e/ou abandonadores, seu avô, seu pai e o namorado da mãe. A avó teme que Bianca se torne rebelde e revoltada como Bruna.

Durante o período de avaliação familiar, mãe (Bruna) e filha (Bianca) foram convidadas a comparecer em sessão conjunta. Contudo, apenas a mãe foi atendida, dizendo que a filha não quis vir. Nessa ocasião, relatou sua história de vida, pouco mencionou suas filhas e assumiu uma posição defensiva, de vítima. Ressaltou que

sempre teve conflitos com sua mãe, que manipula as netas, afastando-a de suas filhas. Na sessão seguinte, Bianca e sua avó comparecem, e Bianca diz que não veio à sessão anterior porque sua mãe não quis que ela viesse. Quando questionada sobre o relacionamento com o seu pai, Bianca fala da preocupação dele com ela, enfatizando que ele é mais responsável do que sua mãe e que, por isso, viria à sessão se fosse convocado. A avó discorda, e menospreza o pai da menina.

Quanto à demanda terapêutica, houve grande resistência da família no sentido de reformular e ampliar a queixa inicial, que estava depositada na adolescente. Observou-se que os conflitos mãe-filha, nessa família, são reproduzidos nas duas gerações. As figuras paternas (pai e avô) são pouco presentes e provocam sentimentos ambivalentes. Há desqualificação das figuras parentais e os cuidados parentais são assumidos de forma confusa e indiscriminada.

### **Comentários sobre o processo psicoterápico**

Durante oito meses, embora seis das sete mulheres coabitantes tenham comparecido às sessões de psicoterapia familiar - a bisavó encontrava-se doente e muito frágil -, elas nunca estavam presentes na mesma sessão, evidenciando a fragmentação do corpo familiar. Bruna compareceu sozinha a uma única sessão, representando o elemento danificado e rejeitado do corpo familiar. Nenhuma das outras mulheres tolerava a presença de Bruna. Os terapeutas apontaram a cisão familiar, buscando conter os elementos expulsos e atacados. Nessa família, havia conluios e alianças patológicas que conduziam ao apagamento das fronteiras geracionais e fragilizavam os vínculos mãe-filha, sobretudo. Essas alianças se expressavam no espaço da casa; a distribuição das mulheres nos quartos era uma forte evidência dos conluios familiares. Além disso,

os homens estavam sempre do lado de fora, terceiros excluídos, fracassados e abandonadores. O pai, assim como o avô, eram personagens periféricos. O avô abandonara a família no passado e o pai, que fora convidado para sessões com as filhas, jamais compareceu. Bianca, assim como sua mãe, também fracassara na tentativa de incluir o pai no tratamento, revivendo o abandono familiar mais uma vez.

A identificação é um mecanismo central na transmissão geracional. Na identificação narcísica, ocorre uma incorporação do objeto e agride-se o “eu” como se fosse um “outro”. A identificação entre mãe e filha, nessa família, ocorria por meio da incorporação do objeto. Desse modo, os ataques mútuos eram reproduzidos e transmitidos na cadeia geracional. Os conteúdos não elaborados das situações traumáticas vivenciadas pela avó e pela mãe de Bianca eram transmitidos como elementos brutos. Os vínculos familiares eram baseados em identificações projetivas expulsivas, sem capacidade de elaboração, com falhas na função continente (Bion, 1965).

A “casa das sete mulheres” guarda marcas de fracassos e abandonos, delineando o corpo familiar como um corpo desvalorizado e destruído. Os membros da família falavam da decadência da estrutura da casa e dos seus objetos. Eiguer (2004) ressalta que a casa representa o envelope familiar que, por meio de um laço invisível, une os membros do grupo, fomentando a intimidade entre eles. O espaço da casa representa o inconsciente familiar e seus conflitos, refletidos na organização dos objetos e na ocupação dos cômodos. Nessa casa, os membros permaneciam ligados pela indiferenciação e não pela intimidade.

Os sintomas apresentados por Bianca se relacionavam com angústias de abandono e de esfacelamento do tecido familiar. Ela buscava controlar todos os membros da família, criando rituais de arrumação na casa, estava sempre preocupada

com o futuro da família, com as dificuldades financeiras e com a desestruturação de sua mãe, que representava o bode expiatório familiar. Todos criticavam severamente Bruna e, simultaneamente, apontavam suas semelhanças com Bianca, dificultando seu processo identificatório. A imagem da filha refletia as falhas da mãe, formando uma figura deformada e aterrorizadora, odiada e temida pela família.

Os sentimentos ambivalentes de Bianca não podiam ser expressos nem pensados, pois expunham os conflitos familiares de mais de uma geração. Destaca-se que Bianca apresentou sintomas na adolescência, na mesma idade em que Bruna, sua mãe, se tornara “uma menina rebelde”. Nessa idade, o pai de Bruna abandonara a família, deflagrando um conflito de lealdade entre mãe e filha. A filha Bruna teria sido, desde então, a porta-voz da rejeição sofrida por sua mãe. E, naquele momento, dois tipos de abandono se fundiram, o abandono da mãe e da filha, que tomou o lugar da esposa traída e abandonada. Na geração seguinte, Bianca, por meio do sintoma, reproduz esse padrão transmitido; “ela dava alguns passos para frente e dois para trás”. As gerações não avançavam, permaneciam quase coladas, inviabilizando os processos de individuação na casa das sete mulheres.

Ressaltam-se os eventos familiares traumáticos encriptados em Bruna, que vivenciara a falência financeira familiar, fora testemunha da traição do pai e vítima de um acidente na adolescência. Ela fora a porta-voz do rompimento familiar e, simultaneamente, a defensora e representante fracassada de sua mãe junto ao pai. Bruna se mantinha presa ao trauma familiar não elaborado, mantendo-se na posição de filha rebelde, e incapacitada emocionalmente de assumir a parentalidade de Bianca e das outras duas filhas.

Bianca manifesta ambivalência dirigida aos pais, especialmente à mãe, e à avó, vivenciando e repetindo o conflito de lealdade familiar. Sua avó, Berenice, permaneceu

impotente diante do abandono do marido, embora tenha lutado pela sobrevivência familiar. Berenice se apegava à neta como se pudesse saltar uma geração e recomeçar uma nova história familiar, mas fracassava novamente, na medida em que os traumas não elaborados não permitiam seguir adiante nem “voltar atrás”.

A “casa das sete mulheres” havia sido congelada no tempo, nessa casa as gerações permaneceram coladas e os vínculos endurecidos e tensionados. Nela, a fantasmática familiar ficara condensada nas paredes, que não operavam como limites estruturantes, mas como barreiras excludentes.

Durante todo o tratamento familiar, buscou-se elaborar e metabolizar os elementos traumáticos vivenciados pela família, apontando as cisões, as projeções maciças, e fornecendo continente para os conteúdos expulsos e danificados. Com isso, Bianca pode melhor se discriminar dos seus familiares, abandonando a posição de paciente identificada. Nos meses finais da psicoterapia familiar, ela pode iniciar uma psicoterapia individual, apropriando-se de suas questões subjetivas.

### **Considerações finais**

Na clínica com famílias, a demanda de tratamento é elaborada ao longo das entrevistas iniciais e o compartilhamento da demanda é um objetivo a ser atingido. É necessário transformar os sintomas expressos pelo paciente identificado, muitas vezes representantes de elementos não elaborados por toda a família, em elementos toleráveis. A interpretação das fantasias inconscientes compartilhadas deve conduzir à simbolização, evitando a passagem ao ato.

Durante o processo psicoterápico da “Família das sete mulheres”, a elaboração dos elementos traumáticos transmitidos psiquicamente e marcados no corpo familiar,

representado pela casa, tornou-se a tarefa central. Por meio do trabalho de metabolização, promoveu-se a diferenciação entre os sujeitos. Nesse processo, propiciou-se, conseqüentemente, identificações mais saudáveis entre os familiares, estimulando a circulação intersubjetiva e a transmissão psíquica geracional.

## Referências

- Bion, W.R. (1965). *Transformations: Change from Learning to Growth*. London: Tavistock.
- Eiguer, A. (1983). Le Concept de l'Habitat Intérieur, *Dialogue*, 82: 53-56.
- Eiguer, A. (2004). *L'Inconscient de la Maison*. Paris: Dunod
- Gaulejac, V. (2009). *L'Histoire en Héritage: Roman Familial et Trajectoire Sociale*. Paris: Desclée de Brouwer.
- Kaës, R. (1993). *Le Groupe et le Sujet du Groupe*. Paris: Dunod.
- Kaës, R. (1998). Os dispositivos psicanalíticos e as incidências da geração. In: A. Eiguer (Ed.) *A Transmissão do Psiquismo entre Gerações: Enfoque em Terapia Familiar Psicanalítica* (pp. 5-19). São Paulo: Unimarco.
- Kaës, R. (2007). *Un Singulier Pluriel. La Psychanalyse à l'Épreuve du Groupe*. Paris: Dunod.
- Magalhães, A. S. & Féres-Carneiro, T. (2004). Transmissão psíquica geracional na contemporaneidade. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, 10(16), 243-255.
- Magalhães, A. S. & Féres-Carneiro, T. (2007). Transmissão psíquica geracional: um estudo de caso. In: Terezinha Féres-Carneiro. (Ed.). *Família e Casal: Saúde, Trabalho e Modos de Vinculação* (pp. 341-364). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Tisseron, S. (1999). Les objets de la maison, objets placard et objet travail, *Le divan*

*familial*, 3: 119-130.

Ziviani, C., Féres-Carneiro, T. & Magalhães, A. S. (2011). Sons and daughters' perception of parents as a couple: distinguishing characteristics of a measurement model. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(1), 28-39. Retrieved October 25, 2014, from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722011000100005&lng=en&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722011000100005&lng=en&tlng=en). 10.1590/S0102-79722011000100005